GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário.
In **Mitos, Emblemas e Sinais**. (**texto 08**) texto de 1979

QUESTÕES PRINCIPAIS

1 – visão geral:

Pode-se dizer que o Paradigma Indiciário, de Ginzburg, se resume ao trabalho detetivesco, ou seja, o historiador italiano parte do pressuposto de que toda realidade está repleta de pequenos detalhes que permitem vê-la numa profundidade pouco costumeira. Assim, seu método pode ser resumido nesta passagem do texto que trabalharemos a seguir: “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.[1]

Ginzburg é conhecido pela monumental erudição. Por isso, seus textos estão repletos de notas explicativas e de várias conexões com outros textos, inclusive das áreas que ele sempre está rondando, como antropologia, história da arte, psicologia, literatura, política cultural, linguística e geografia.

2 – estruturação do texto:

Como a maioria dos artigos de Ginzburg, este texto está dividido em tópicos não intitulados, indicados com algarismo romano (*I*), e dentro deles, pequenos subtópicos, também não intitulados e apenas indicados com um número natural (1.). Desse modo, tive a ousadia de intitular os tópicos de acordo com o entendimento que tive de cada um e com o intuito de os títulos formarem, em seu conjunto, uma espécie de sumário-guia que contribui para o entendimento do texto como um todo.

Vale lembrar que Ginzburg raramente afirma ou toma uma posição apressadamente, mesmo num texto como este, de caráter teórico-metodológico. Sua estratégia narrativa constitui em fazer sempre uma relação com acontecimentos aparentemente dissociados, mas que, por fim, contribuem para o clareamento da realidade, volto a dizer, mesmo se o texto em questão tem como fim a apresentação e defesa de um método de investigação historiográfica. Para resumir, Ginzburg está sempre contando e analisando um período histórico: é assim que ele traz Giovanni Morelli (1816-1891), Sherlock Holmes (Arthur Conan Doyle (1859-1930)) e Sigmund Freud (1856-1931) para uma mesma trama histórica visando à exposição de um paradigma.

Pequena (e importante) introdução (p. 143)

[1] GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 177.

- A primeira e importantíssima informação dada por Ginzburg refere-se ao fato de que o paradigma indiciário desenvolveu-se à sombra do paradigma iluminista, hegemônico no século XIX

I – As raízes do método indiciário: Morelli, Holmes e Freud (p. 143-151)

1. – o método morelliano: examinar os pormenores mais negligenciáveis.

2. – método e inquérito em Holmes: relação de indícios imperceptíveis para a maioria.

3. – o terceiro elemento: a investigação freudiana – da pintura ao gesto e às palavras

4. – Morelli e a influência na psicanálise
– Ginzburg e a investigação no texto de Freud: indícios no discurso.
– a proposta geral – via Freud: "método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores".[2]
– Individual x Universal: revelação das particularidades que escapam ao controle da consciência – poderíamos acrescentar: ao controle da norma.

5. – ligação entre Holmes e Freud – fechando o círculo: M → H → F → M: tudo isso redunda na semiótica médica.
– categorias indiciárias: sintomas (Freud); indícios (Holmes); signos pictórios (Morelli): os três – semiótica médica.
– Mas segundo Ginzburg, a interpretação sobre os sinais menos explícitos vem de bem antes

II – Raízes das raízes: dos caçadores do neolítico à ciência do séc. XIX (p. 151-169)

1. – Indício venatório (universo da caça): "gerações e gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram esse patrimônio cognoscitivo"[3] (se quisermos chegar até o historiador, lembra a declaração de Bloch sobre o ogro da floresta que fareja carne humana.)
– da narrativa venatória à divinatória (adivinhos mesopotâmicos)
– as ferramentas dos indícios: análises, comparações, e classificações
– "por trás desse paradigma indiciário ou divinatório [primitivo], entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa."[4]

2. – as disciplinas Grécia, não-divinatórias (para além do oráculo), mas ainda assim dependente de um paradigma indiciário

3. – o paradigma galileano (quantitativo e modelar), base do paradigma científico iluminista, soterra o paradigma indiciário.

---

[2] *Ibid*, p. 149.
[3] *Ibid*, p. 151.
[4] *Ibid*, p. 154.

– Porque a história nunca conseguiu ser efetivamente uma ciência aos moldes do paradigma galileano?[5] :
– O que é, para Ginzburg, o conhecimento histórico?[6] :
– A noção de abstração do texto

4. – segundo Mancini, médico contemporâneo de Galileu, há uma impossibilidade de rigor total na ciência.
– sintoma da modernidade: a escrita individual – elemento da própria noção moderna de individualidade.

5. – discussão sobre a individualidade

6. – a trajetória da ciência moderna em relação ao individual – opções: "sacrificar o conhecimento do elemento individual à generalização... ou procurar elaborar, talvez às apalpadelas, um paradigma diferente, fundado no conhecimento científico do individual."[7]

– "a tendência a apagar os traços individuais de um objeto é diretamente proporcional à distância emocional do observador". Ao paradigma indiciário foi sendo colocado o generalizante. Ou seja, operar, resgatando Aristóteles, sobre as "propriedades comuns"

7. – as ciências humanas: problemas quanto ao paradigma generalizante. Vivendo das incertezas de uma ciência quantitativa e modelar...

8. – a burguesia e o "novo destino" do individual através da imaginação artística, basicamente literária.

9. – o exercício indiciário fora da ciência, dentro do romance moderno, através do romance policial.[8]

III – O paradigma indiciário de Ginzburg (p. 170-179)

1. – ainda um pouco de genealogia

2. – o paradigma e a individualidade social e cultural

3. – as sociedades e as distinções individuais – individualidade: o caso da identidade, da localização e controle social.

4. – o não-abandono da totalidade pelo paradigma indiciário.
– visões de mundo.
– De acordo com Ginzburg,

---

[5] *Ibid*, p. 156.
[6] *Ibid*, p. 157.
[7] *Ibid*., p. 163.
[8] *Ibid*., p. 169.

> os populares nem sempre aceitam a discriminação, investindo toda a sua energia em manifestações culturais, garantindo a expressão de suas necessidades, anseios e aspirações, nisto que a cultura configura-se como o principal veículo de coesão e de construção de uma identidade própria, especialmente num contexto que lhes exclui do reconhecimento de direitos. Inclusive, desde muito cedo, desenvolveram-se as trocas culturais, interpenetrando-se suas manifestações com aquelas dos segmentos mais elevados.[9]

5. – Paradigma indiciário e rigor – que tipo de rigor?
– o "rigor flexível" – "ninguém aprende o ofício de conhecedor ou diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes".

[9] GINZBURG, Carlo *apud* SOIHET, Rachel. O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano – vol. II*: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 302.